

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

CLUB LITTERARIO

ANNO I.—N.^o 3.^o—MEZ DE SETEMBRO DE 1876

MACEIO'

TYP. DO CLUB LITTERARIO, RUA DA BOA VISTA N. 93

1876

PREÇO DA ASSIGNATURA

POR TRIMESTRE	1\$500
NUMERO AVULSO	\$600

Pagamento adiantado

Directoria

Antonio F. Xavier da Costa — Presidente.
Elpidio Rogeiro de Novaes — Vice-Presidente.
Francisco X. da Costa — 1º Secretario.
Jayme Vieira de Araujo Luna — 2º Secretario.
Miguel de Novaes Mello — Orador interino.
João Teixeira de Araujo — Thesoureiro.

Comissão de Syndicancia e Fiscalisação

Francisco Salustiano de O. Costa
Manoel Corrêa Sampaio
João Nunes de Oliveira Costa.

Comissão de Redacção

Miguel de Novaes Mello.
Elpidio Rogeiro de Novaes.
Manoel Clementino da C. Monte.
Jayme Vieira de Araujo Luna.
Octaviano Coutinho Espindola.

A correspondencia e as reclamações devem ser enviadas ao escriptorio da typographia, á rua da Bôa Vista, n. 93.

Maceió 30 de Setembro de 1876

Acta da sessão magna de anniversario e posse aos 23 de Abril de 1876

PRESIDENCIA DO SNR. MIGUEL DE NOVAES

Ás 11 horas do dia, comparecendo os snrs. João Teixeira, Esteves Alves Junior, Ildefonso Nabuco, F. Xavier, Miguel de Novaes, João Nunes, Abilio, Messias, Simões de Sousa, Alfredo Marinho, Elpidio, Antonio Xavier, Martins, Jayme, Ernesto Palmeira, Netto e Espindola, é aberta a sessão.

São dispensadas a leitura e aprovação das actas das sessões anteriores.

O snr. Presidente declara que a presente sessão tem por fim solemnizar o dia anniversario da associação e empossar dos cargos da nova directoria aos eleitos presentes; e passa a fazer a leitura de seu relatorio.

O orador do Club, o snr. Elpidio, lê seu discurso, e oram em seguida os snrs. João Teixeira, Jayme, Martins, Netto, e Ildefonso Nabuco.

Depois de lido pelo snr. 1º Secretario o quadro da nova directoria, o snr. Presidente declara empossada a mesma.

O snr. Antonio Xavier, assumindo então a presidencia, lê um discurso analogo á solemnidade, e encerra a sessão ás 2 horas da tarde.

Sala das sessões do Club Litterario, em Maceió, 23 de Abril de 1876.

Presidente,
Miguel de Novaes Mello.

1º Secretario,
Manoel Martins Gomes.

2º Secretario interino,
Ildefonso Nabuco de Figueiredo.

**Relatorio lido na sessão magna aos
23 de Abril de 1876**

Senhores,

Outro, que não eu, devia neste momento presidir esta solemidade e apresentar-vos um relatorio do que, ha seis mezes e oito dias, se tem passado no Club Litterario.

Mas não sei porque fatalidade no dia 6 de Fevereiro passou-me o exercicio da administração desta sociedade o seu illustrado Presidente, exercicio em que até hoje tenho estado.

Assim, como me ordenam os estatutos, passo a cumprir o meu dever.

Faz hoje um anno e oito dias que installou-se esta sociedade. Fraca, como fracos são os seus fundadores, tem ella á mercê de poucos, mas bons lidadores, arrostado os vendavaes do indifferentismo que por várias vezes a tem querido derribar. Porém tivemos em nossa defeza o acolhimento benigno da illustrada imprensa desta capital; tivemos em nossa defeza os brados de avante de muitos de nossos mestres.

E' que um coração, ainda não eivado pela descrença, pulsa sempre por uma ideia nobre. E' que os verdadeiros apostolos do progresso têm sempre um avante para o desanimo, um *surge* para o moribundo, como Christo ao putrido cadaver de Lazaro.

Todos sabem que é esta uma sociedade de moços que se uniram para ser fortes, que querem vêr nos horisontes da patria um futuro litterario além de um futuro politico; é uma sociedade de moços que não desesperam no calor do combate, porque acreditam que as utopias de hoje serão realidades de amanhã, assim como são realidades hoje as utopias de hontem; é uma sociedade de moços que promptos para reagir contra os prejuizos charlatanescos do tempo, e crentes na estrella magica que alumia e conduz a intelligencia dos povos ao Bethlem de sua regeneração, não pôdem nem querem se deixar de todo perecer no lethargo da ociosidade das letras. (1)

Não querem e nem pôdem porque, quem folhear as paginas da historia desde os tempos primitivos até nossos dias, e observar os

(1) Dr. R. S.

cataclismas sociaes, que um apôs outros se succedem; e observar estes imperios que nascidos no pó dos combates, se elevaram ao seu apogeo de gloria, e seguindo a mesma marcha de lá baquearam, deixando apenas na historia um espaço em branco; e observar estes conquistadores, que com a espada em punho percorreram o mundo inteiro, e que apôs tantas fadigas e trabalhos ficaram esquecidos do proprio mundo, appellando apenas para uma posteridade mais justiceira; não pôde deixar de conhecer que não é derramando o sangue, que não é postergando os direitos de cidadãos que se adiantam as nações, que se faz marchar a civilisação, e sim pela illustração e fazendo-se o povo conhecer os seus direitos. (2)

Assim, vê-se que o Club Litterario tende por sua essencia para o bem e que para elle se tem dirigido.

Se os seus trabalhos não ultrapassam as materias concernentes aos preparatorios, isso mesmo é uma prova de que, se entre os associados não ha conhecimentos superiores, limitam-se ás suas poucas forças, convictos do que disse M. Douson: A torrente principia pelagota d'agua.

Vivemos no seculo do trabalho em que todos fallam, em que todos velam, em que todos concorrem para a grande obra da perfectibilidade, e pois calar-se quando todos fallam, dormir quando todos velam, é mais que cobardia, é quasi crime. Pois bem, foram convencidos destas verdades que em numero de dezeseis estudantes no dia 15 de Abril do anno passado installou-se esta sociedade.

Em sessão magna do dia 24 de Outubro por occasião da posse da presente directoria, o illustrado Presidente com a intelligenzia robusta, que lhe é peculiar, expôz os trabalhos havidos até aquelle dia e como tambem o estado da thesouraria e quaes as necessidades mais palpitan tes.

Hoje me compete expôr-vos os daquelle dia até a ultima sessão do semestre que hoje finda.

DAS SESSÕES E THESES

Depois da sessão magna de 24 de Outubro encerraram-se os trabalhos desta sociedade por nos baterem á porta os exames

(2) A. B. M.

geraes de preparatorios. Só a 13 de Fevereiro deste anno esta Vice-Presidencia teve a honra e o prazer de ver seus collegas de trabalho reunidos e abrir as sessões do Club. Vê-se, pois, que se passaram quatro mezes de extremo lidar, sem haver tempo de novo continuar nossas palestras litterarias, restando-nos apenas dous mezes.

Nesse curto espaço de tempo houve 9 sessões ordinarias e 4 extraordinarias.

Limitado foi o numero das theses apresentadas, pois não passaram de 7, com 24 do semestre passado perfizeram 31 e só 5 conhceram a luz da discussão, não sendo apreciadas 2, visto incorrerem na sancção do artigo 49 dos estatutos.

DOS SOCIOS

Quando esta directoria tomou posse, contava a sociedade 28 socios. Em sessão de 13 de Fevereiro o 2º Secretario o snr. Antonio Tolentino da Costa, em 2 de Abril o snr. Manoel Antonio Supardo Junior, pediram eliminações que lhes foram concedidas. O sr. Presidente desta sociedade por officio de 12 de Março tambem solicitou da casa sua eliminação; mas, sendo considerada futilissima a razão allegada, foi indeferido o seu pedido. Foram 7 os socios propostos e aceitos, sendo dous honorarios. Eliminado o snr. 2º Secretario, esta Vice-Presidencia nomeou interinamente para exercer suas funcções o socio o snr. Ildefonso Nabuco de Figueiredo.

Não por motivos identicos, mas por viagem, deixou de exercer por alguns tempos o lugar de 1º Secretario o socio snr. Manoel Martins Gomes que foi substituido pelo socio snr. João Teixeira de Araujo. A pezar de não serem estudantes, é para admirar a intelligencia e constancia com que estes dous collegas se houveram no desempenho de suas missões, e mesmo é para lamentar que a sorte lhes tenha sido tão adversa, obrigando-os a abafar os impulsos de seus corações, *torcer* suas vocações! E' com pezar que vos digo que a sociedade vio-se na rigorosa coactiva de eliminar 7 de seus socios. Uma sociedade qualquer não pôde subsistir sem leis, e as leis nenhuma força teriam se os que as violam não incorressem em pena alguma, disse Bergier. Se somos moços e almejamos um futuro brilhante, é certo que temos de encontrar leis bem severas a observar, então é preciso não a-

costumarmo-nos a arrefecer no cumprimento das de agora, e temos em mira as palavras do escriptor latino: *Lex jubet et legi parere debemus.*

TYPOGRAPHIA

Esta Vice-Presidencia esforçou-se tanto quanto lhe foi possível para vêr se por meio de uma economia severa podia dar um impulso á typographia que já ha 8 mezes possúe esta sociedade. Mas nada pôde fazer. A pezar de ser tão modica a joia e a mensalidade que os snrs. socios pagam, assim mesmo vê-se do balançete apresentado pelo snr. Thesoureiro interino o quanto devem á sociedade. A vantagem de qualquer associação como esta é, que prospere sem ser pesada a alguém. Entretanto somos obrigados a passar pelo dissabor de dizer-vos que a typographia do Club se acha no mesmo estado em que nos entregou a directoria passada ! Sentimos e cordialmente sentimos isso ! Sabemos que entre nós é temeridade sahir da apathia, é um arrojo galgar os degráos da publicidade ! Sabemos que á pleiade que se ergue nos festins da imprensa, por entre as vozerias dos convivas, hasteando o pendão de livres, pergunta-se attonito: O que quer ? Sabemos que apenas um pallido rumorejar de vozes confusas e escassas saúdam a intelligencia que aspira ao astro que disponta ! Sabemos que por toda parte está a mão sangrenta do carrasco ridiculo da critica a espreitar o momento de asphixiar o talento que surge ! Mas não importa. Somos moços e temos fé. Não nos corróe ainda o cancro da indifferença— havíamos de proseguir... havíamos de lutar e sempre. Mas não foi possível que o nosso periodico litterario sahisse á luz da publicidade, sendo *elle* a necessidade mais vital para a prosperidade desta sociedade.

OFFERECIMENTOS

Os dignos proprietarios do *Jornal do Pilar*, do *Labarum* e da *Palavra* offereceram varios numeros desses periodicos a esta sociedade. Por officios agradeci em vosso nome.

O honrado e distinto proprietario da *Palavra* pôz á disposição desta sociedade as columnas de seu jornal. Em sessão de 11 deste mez nomeei uma commissão de 3 socios para em nome da sociedade agradecer tão honroso offerecimento.

ESTATUTOS

Se bem que o meu illustre predecessor no seu relatorio apresentasse como uma das mais palpitanter necessidades — a reforma dos estatutos —, contudo não foi possivel que se effectuasse. Que é bem palpavel esta necessidade não se faz preciso que vos demonstre, e limito-me tão somente a vos lembrar as seguintes palavras de Chattan:— Os homens devem ser escrupulosos com as leis que os governam. Expurgar os seus defeitos é uma necessidade quasi que vital.

THESOURARIA

Não tendo tomado posse o snr. Nicoláo Tolentino da Costa, do cargo de Thesoureiro para que fôra eleito, nomeei interinamente para exercer este lugar ao socio Antonio Francisco Xavier da Costa. Das informações por elle administradas a esta Vice-Presidencia vê-se que a receita da sociedade é de 35\$170, e a despesa de 17\$000, existindo em caixa um saldo a favor, da quantia de 18\$170, e que á sociedade devem os snrs. socios 85\$500, e a dívida passiva não excede de 40\$000.

Eis, meus senhores, o estado desta associação.

Longo já vai este tosco trabalho e em conclusão resta-me agradecer a todos os distintos collegas o auxilio que prestaram-me. A todos sou grato, mas por coherencia e de meus principios não posso deixar de especificar o nome do snr. Antonio Francisco Xavier da Costa.

Muito deve a elle a minha administração. Havia muita fé no meu coração, porém não bastava; caminheiro titubante pela senda escabrosa da sabedoria, nauta sem rumo pelos mares tempestuosos da sciencia — houvera sido mal sucedido na administração que acabo de fazer, se não o tivesse encontrado na vanguarda desta sociedade para tomar-me pela dextra. Muito lhe devo, muito lhe deve a sociedade.

Sala das sessões do Club Litterario, em Maceió, 23 de Abril de 1876.

O Vice-Presidente,
Miguel de Novaes Mello.

O que é a historia?

Fóra de proposito seria a pergunta, temporâ a interrogativa, se a razão não andasse presa ao dogma, se a intelligencia não fosse serva da educação, se o preconceito não assediasse as investidas da investigação. Demasiado acanhado se tornou o methodo do ensino e tão escasso que mais parece favor de uma concessão do que exigencia da obrigação.

As materias ensinadas nas cadeiras publicas têm o cunho do ajuste, divagam na especulação abstracta e prestam-se mais aos repentes da memoria do que á solidez da comprehensão. Quem entre nós se inscreve discipulo do curso secundario não procura o methodo experimental, porque é fastidioso, decora datas e conceitos, apalpa definições e disso forma a provisão de que depende o sucesso dos estudos superiores.

Participa a historia dessa decadencia do entendimento e por isso ahi anda encolhida como narrativa de successos futeis, desbotado commento de particularidades, ora sentença que carcera a justiça, ora vaso que incensa a podridão. Cercada de mythos, envolvida em escuridades, participa mais da natureza da pythomissa do que das influencias que presidem á formação da verdade. Magôa-lhe a critica as pretenções cabalisticas e ainda hoje não poude sahir do cyclo das fatalidades creadas pela predominancia das crenças religiosas. Custa a mencionar tenha a historia desrido á acolyta da theologia, embora chegado o periodo do domínio intellectual, cadiño em que fervem as impurezas da phantasia, sobrenadando a verdade que é o vellocino das conquistas do presente. Costumam os povos dar a seu passado muita velhice, a seus genitores muita excellencia e não é raro mostrar a fidalguia em seus brazões o raio que a irmana a Deus ou a clava que lhe assegura o mando. A vetustez foi sempre a sagradação das gerações, mas a historia não é compendio de vaidades, tem regras fixas, obedece a principios seguros, é a cupula da sociologia e assim a mais subida das sciencias. Principiar a narração das phases sociaes pela vaga tradição, impôr a lenda como certeza, dar á pesquisa por guia o facho da fé — é tirar ao saber seu incentivo, reduzidos os factos a mera determinação do acaso, sem ligação nem solução.

Em tais condições a historia não será um ensino, mas uma distracção, e bem é se deixe em paz a lembrança de acontecimentos que dependeram mais da feição dos fados do que do movel de cada epocha. Se semelhante systema não é a negação dos principios que vigoram a prática das boas regras, então fique a sacristia como escola, já que a sabedoria pertence á immutabilidade das lettras sagradas. Não ha prevenção no parecer e só delle se desviará quem olhar perfunctoriamente para as necessidades da instrucção publica. O estudante que se matricula no curso de historia, nos primeiros dias não tem muito que se applicar, basta recordar a cartilha que n'aula primaria servio-lhe de tumulo á avidez do saber. O primeiro livro contém os annaes dos Judeos, sem que os personagens dos remotos contos vivam nas inscripções ou no papyrus. Á omnipotencia do dogma antepondo os Sémitas á civilisação dos Egypcios, á impavidez da fé negando á escripta cuneiforme dos Persas e aos hieroglyphos a base documental da historia, á arrogancia da seita dando ás linguas aryanas a textura do hebraico no intuito de estabelecer o privilegio de uma só raça, a tudo isto se submette o espirito de quem aprende, e não se erga ninguem contra a doutrina para que não fique patente a discordancia em que erra a theologia. De certo constituem as lendas precioso pecúlio ás investigações, servem de bom roteiro á archeologia, mas sem o escalpello da critica não podem entrar no dominio d'aquella antiguidade que á falta de certeza obteve o titulo de pre-historica.

Se a descripção do homem primitivo não pertence ás religiões, já que a barbaria servia de tropeço ao nascimento do sentimento moral, não queiram ellas, vencidas pela intolerancia, cortar em meio a civilisação, chamando cada uma a si a victoria que é o complemento do esforço commun. A quem primeiro trabalhou e menos se cansou, a esse o primeiro premio, e todos os povos terão sua parte, sem que a incumbencia do galardão pertença ás igrejas, senão á sociedade por intermedio da historia.

Se ao menos o estudo das antiguidades obedecesse entre nós a uma só regra, dir-se-hia que nisso havia o proposito da coherencia, mas o que se segue em relação aos Judeos não é o que se executa na indagação do viver do aborigene. Em nossas escolas o compendio que relata a rota dos navegantes portuguezes na costa traz no primeiro capítulo a data de 1500 e só agora pro-

curam os espiritos cultos nos instrumentos e nos monumentos os vestigios de uma epocha, cujo conhecimento não entra no programma dos estudos de nossa mocidade. De muito proveito seria a reorganisação do ensino da historia, servindo-lhe de cimento o methodo de todas as sciencias — a experienzia.

Decorar lendas, referir contendas e assaltos, tendo mais em vista o capitão que o successo; ver em Roma Augusto e os Flavianos e não apreciar a politica na administração nem a decadencia do polytheismo greco-romano; admirar Carlos-magno e não comprehendender a formação das linguas neo-latinas; estacar diante das guerras do 14º e 15º seculos sem descobrir na luta a extincção do regimen catholico-feudal, pôde ser bom caminho á preparação de respostas a quesitos formulados, mas nunca sistema de solida instrucção.

É preciso insistir: a historia não é a narração de factos ligados a datas, senão á successão do desenvolvimento social; não é um dogma, é sciencia e sem ella nem o presente procedeu das conquistas do passado nem irá ter ás esperanças do futuro. Erra quem a mutila, porque a historia não soffre solução de continuidade; é inteiriça como a humanidade, é progressiva como a civilisação.

D. C.

Historia Patria

OS HOLLANDEZES NAS ALAGÔAS

(Continuação do n. 2)

II

Se após a derrota, não restasse aos vencidos mais que o desalento e a desesperança, e se o mau exito de uma tentativa fosse justificado pretexto ao abandono, fôra para crêr que a Bahia seria o unico theatro da lucta hollandeza; mas nem sempre a adversidade subjuga o animo e a inconstancia se torna serva obediente de seus

caprichos; aos golpes della é força oppôr a obstinação, que não poucas vezes é a salvadora das grandes crises, e os commettimentos não se tornarião realidade, se lhes não assistisse a persistencia.

Os reveses que na Bahia acabavam de soffrer os hollandezes arrefeceram o ardor da Companhia e desilludiram-lhe as esperanças; por isso que o mau successo desta primeira tentativa, trazendo como consequencia natural a perda de capitaes, resultado esse mui diverso dos fructos que se pretendiam colher de uma tal empreza, quebrantando-lhe as forças e exaurindo-lhe os recursos, não podia ser incentivo a novas tentativas: e certo, ao abandono seria votada a empreza, se ás considerações de ordem politica e de interesse geral da nação que em sustentação da guerra fazia valer o Principe d'Orange, não se reunisse a audacia e pertinacia de Pieter Heyn, que em um lance de fortuna poude não só indemnizar a Companhia dos prejuizos que havia soffrido, senão também fornecer-lhe novos capitaes para a continuaçao da guerra.

Depois de restaurada a Bahia, por muito tempo conservou-se ainda Pieter Heyn percorrendo com sua esquadra as costas da Capitania, chegando em uma de suas excursões até o Cabo-Frio.

Em Março de 1627 entrou elle novamente na enseada da Bahia, e ahi encontrando a frota hespanhola, atacou-a e venceu-a, depois de uma brilhante accão. Demorou-se ahi cerca de 24 dias, e depois de fazer queimar as presas menores, e mandar para a Hollanda as maiores, retirou-se para o Reconcavo, onde obteve novas vantagens.

A 10 de Junho voltou Heyn novamente á Bahia, onde permaneceu até 14 de Julho; e, considerando então que nada lhe restava a fazer, velejou para Europa. Em meio caminho encontrando a frota hespanhola do Mexico, capturou-a toda.

Esta importante apprehensão do valor de *nove milhões de duvidados*, a maior presa maritima de que ha noticia, indemnizando-a dos prejuizos, e proporcionando-lhe novos meios, levou a Companhia das Indias occidentaes a tentar segunda vez a conquista do Brazil; devendo, porém, agora ser o centro das operaçoes a rica e florescente capitania de Pernambuco.

Ainda desta vez a corte de Madrid foi avisada em tempo dos maus designios de sua adversaria; mas a sua costumada morosidade, ou quasi inercia deixou aos inimigos a livre execuçao de seus planos.

Mathias de Albuquerque, que então achava-se em Madrid, foi nomeado superintendente da guerra, visitador e fortificador das Capitanias do Norte, e neste caracter partio elle para o Brazil em Outubro de 1629, trazendo comsigo, para resistir á um inimigo poderoso e defender o vasto territorio ameaçado, apenas 27 soldados e algumas munições!

Apezar da carencia absoluta de recursos e das dificuldades que se lhe antepunham no plano de defesa das capitanias confiadas á sua guarda, não se desanimou elle, nem se descurou de sua incumbencia. Incontinente activou os preparativos de defeza, fortificou as costas, e preparou-se para receber os inimigos, tratando de desalojar quanto antes da ilha de Fernando de Noronha os hollandezes, que della haviam tomado posse.

Effectuada no Cabo-Verde a juncção das pequenas divisões que formavam a expedição hollandeza, em 26 de Dezembro de 1629 fez-se ella de velas para o Brazil, e a 14 de Fevereiro de 1630 appareceu á vista de Olinda, em numero de 56 navios.

Vinha ella sob o commando em chefe de Hendrick Lonch, tendo por almirante Pieter Adryens, e commandante das forças de terra o Coronel Diederich Van Wardenburch, e contava 7,000 homens ao todo.

O desembarque devia effectuar-se por duas partes: Loncq pelo porto, Wardenburch pela praia.

Mandou Loncq intimar a rendição da praça; mas os defensores receberam seus emissarios a tiros de mosqueteria; rompeu então a um tempo o fogo da esquadra e dos fortés.

Não poude Loncq realizar o seu plano, não só pelo fogo tenaz e forte que de terra recebia, como por ter encontrado o porto obstruido por navios afundidos: tendo antes perdido um dos seus, que encalhára. Mais feliz que elle foi Wardenburch, que com 3,000 homens conseguiu desembarcar tres leguas ao norte de Olinda, no Páo Amarello, sem encontrar a menor resistencia da parte do capitão-mór Dias da França, encarregado da defesa dessa parte do littoral.

No dia 15 desembarcou o resto das tropas, e no dia 16 seguiram ellias caminho de Olinda. Chegando ao rio Doce, encontraram-no bastante crescido; e não querendo aventurar-se á passagem, aguardaram a vasante da maré. Vasando esta, metteram-se á agua, e apezar da forte resistencia que ahi lhes oppôz Ma-

thias de Albuquerque, vadearam a corrente, transpuseram o passo e em seguida apoderaram-se da villa. A parte official, que deste feito deu ao seu governo o general Wardenburch diz assim:

« Achamo-nos em força de cincuenta e seis vasos e, depois de madura deliberação, resolvemos atacar por duas partes. Eu com dous mil e quatro centos soldados, tresentos marinheiros, e outros trezentos para o trem, em dezeseis navios devia desembarcar a duas leguas proximamente ao norte, e o general, com os outros navios e dous outros bons corpos, ocupar o Recife. Foi isto levado á execução no dia 15 de Fevereiro, dirigindo-se o mesmo general para o Recife. Mas os dos fortes, prevenidos da nossa chegada, tinham feito encalhar alguns navios na passagem, e não pôde o general levar avante o seu intento, ainda que fez para isso todos os esforços a tiro de canhão.

Pela minha parte, apezar de ter divisado muita gente de pé e a cavalo na praia, dirigi-me, depois do jantar, nas lanchas, com a vanguarda e, á vista do inimigo, desembarquei, sendo seguido de toda a mais gente dos navios, dos quaes se tiraram duas peças de calibre tres.

Vindo a noite, foi-nos necessario dormir na praia. Mas no dia seguinte, depois de despedir todas as lanchas, dividi as minhas forças em tres divisões. A da vanguarda, na qual, tanto no desembarque como na marcha, estive em pessoa, era commandada pelo tenente coronel Elts, a da batalha pelo tenente coronel Stein Callenfels, e a retaguarda pelo major Honks.

Marchando ao longo da praia para a villa, chegámos a um pequeno rio chamado Doce, o qual foi necessario passar com agua pela cintura. Ahi teve logar o primeiro encontro com uns mil e oitocentos homens de pé e a cavalo que se apresentaram. Mas, depois de uma forte refrega, dando em resultado varios mortos e feridos, em menor numero da nossa parte, pul-os em fuga, apezar da vantagem que tinham do rio. Mais adiante encontrei ainda tropa na praia, mas retirou-se logo para o mato, apresentando pequena resistencia. Ainda por terceira vez se mostraram, mas sem se atrever a esperar-nos; de modo que, vendo-os tomados de espanco, marchei para a villa; e ao chégar subi com a vanguarda e o corpo de batalha ao convento dos Jesuitas, cujas portas estavam entrincheiradas; mas nós as tomámos por escalada, e as abrimos. Os

que ahi se defendiam, vendo o valor dos atacantes, e varios dos seus como dos nossos mortos e feridos, procuraram a salvação na fuga. Ao mesmo tempo os que estavam, nos fortes, na baixa, informados do que ocorria, e vendo chegar a nossa retaguarda, dados alguns tiros de canhão, que mataram e feriram varios, largaram tambem a fugir, abandonando os fortes, dos quaes nos apoderámos. Assim, com a graça de Deus, nos assenhorámos da villa, não tendo perdido, tanto na marcha, pelo grande calor, como no ataque da villa, senão cincuenta ou sessenta soldados. Fortifiquei o convento dos Jesuitas com algumas trincheiras contra qualquer surpresa, e nelle me acho alojado. »

(Continúa.)

R. DE N.

Da morte ao casamento

UMA HISTORIA DO SECULO

I

Alvaro de Lemos era um mancebo filho de uma pobre viuva que vivia do minguado peculio deixado por seu marido, negociante portuguez, fallecido em 1843 na provincia do Ceará. Na data em que começa este singelo mas verdadeiro conto tinha elle 18 annos de idade e cursava no Recife os preparatorios exigidos para a matricula no primeiro anno da Faculdade de Direito. Levando a vida de rapaz solteiro e estudante, si via graves embaraços surgirem no horisonte de seu futuro, para lhe cortarem a carreira scientifica a que se destinava, em compensação achava-se nessa idade de doces illusões, de poeticos devaneios, e de aspirações á felicidade, mas á felicidade que se estriba no sorriso retribuido de uma encantadora joven, em quem a alma do visionario platonico, ainda não embaracada pelas pêas da realidade, costuma enxergar uma adoravel miniatura das perfeições do Eterno.

Amava, pois, o nosso estudante a uma rapariga que morava justamente na rua em que elle passava duas vezes ao dia no trajecto que o conduzia de casa para o collegio e do collegio para a

casa. Esta moça, filha de pais obscuros, de um artista que vivia de seu trabalho diario, era mui pobre e não podia, já se vê, hombrear com as que costumavam frequentar a aristocratica sociedade do tom; mas, tinha uma physionomia tão suave e tão nobre que fazia a inveja de muitos, porque a primeira vista causava uma impressão indelevel a quemquer que a fitasse.

Pallida, de fronte elevada, de olhos pretos e languidos, de faces um pouco emmagrecidas, de abundantes cabellos negros, negros como as azas de um corvo, os quaes molduravam-lhe a cabeça de uma belleza severa e com tudo diferente das d'esse typo brazileiro tão conhecido entre nós, ao vel-a, dirieis que um pezar secreto, uma d'essas profundas decepcões ou contrariedades da vida, que muitas vezes devastam-nos a alma, deixára, alli, n'aquelle rosto tão meigo os arroxeados sulcos que lhe orlavam as palpebras.

Tanto bastava para que nosso Alvaro ficasse preso de coração a os pés d'aquella donzella de 15 annos que, na ebriedade de suas scismas de virgem, talvez esperasse o consolador de suas maguas nos raios de luz que lhe mandava a estrella do crepusculo, tão embevecidamente por ella contemplada do parapeito de sua janella, nas tardes serenas de verão.

O facto é que elles se amavam e até se correspondiam, apezar das muitas preocupações e cuidados que era mister dispensar para não chamar a attenção da māi de Generosa, velha atrabiliaria e de genio causticante que não podia olhar para a cara de um estudante sem voltar-lhe imediatamente as costas, pela convicção que lhe havia conseguido formar o marido, de que um filho de Minerva era nem mais nem menos que um despejado peralvilho, um deshumano seductor de raparigas honestas, mas desprotegidas da fortuna. Entretanto, os doux namorados não perdiam a menor occasião de conversar a sós ao canto da janella, de trocar mutuamente seus apaixonados protestos que liam e reliam, se deliciando nessa vaga esperança de ventura, entrevista por uma promessa de casamento que elles não podiam, nem sabiam como realizar.

O Snr. Mathias de Mello, pai de D. Generosa Leite de Mello, era um desses homens que á noite, quando chegava fatigado do trabalho com que conseguia a pouca subsistencia do dia seguinte, só o que queria era jogar a predilecta *bisca* com o seu infatigavel companheiro, um moço artista tambem, chamado José Domingos

da Silva que, visita constante da casa, era considerado pela familia como um dedicado e prestativo caracter, com excepção de D. Generosa.

As deferencias do Snr. Mathias para com o parceiro de todas as noites, os elogios que lhe prodigalisa quando conversava com sua mulher, e a confiança que lhe dispensava a ponto de permittir e desejar mesmo que sua filha saisse com elle a passeio, ou para algum divertimento modesto fóra de casa, faziam induzir que esse artista seria, não muito longe, um dos membros da familia casando-se com D. Generosa. Era, de certo, essa a vontade dos pais, mas não a da filha que sem sahir das raias da prudencia, oppunha toda a especie de embargos a qualquer affecto que, por ventura, visse despontar para com ella na alma de José Domingos.

O artista, porém, conhecendo que tinha por si as sympathias dos velhos, não se mostrava offendido pela rudeza dos desdens que lhe atirava a moça; redobrava de attenções delicadas para com ella, quando se offerecia o ensejo, e no mais simulava perfeita indifferença, ou resguardo de animo.

Alvaro, apezar de não frequentar assiduamente a casa do Snr. Mathias, sabia do que havia entre os dous; mas, confiado no amôr que lhe votava a eleita de sua alma, repousava tranquillo nesse adormecimento em que nos embala o orgulho ou a vaidade, quando ao 18 annos julgamos conhecer que somos o preferido nas graças e favores de uma coraçao feminino.

Entretanto, corriam os dias e nada alterava a situacão das cousas, a não ser alguma impertinencia da Sr^a. D Maria Leite de Mello, quando a filha se demorava na sala em frente da janella, para não ir se enterrar nas fainas da cosinha em que aquella respeitavel matrona se via a tressuar sosinha. A pobre menina recebia, então, á vista de quemquer que fosse, e especialmente do pundonoroso Alvaro que d'envergonhado calava-se, uma enfiada de doestos e termos reprehensivos, cuja linguagem desbragada assentava ás mil maravilhas n'uma mulher de costumes equivocos, quaes tinham sido os de D. Maria, o que algum dia contarei por desenfado aos meus benevolos leitores.

Não havia, porém, outro remedio, senão tragar os insultos que aquella harpia vomitava de seu pedestal glorioso de māi, porque a posição de Alvaro era tão falsa, tão recheiada de difficultades no presente e no futuro, que não o animava a praticar, embo-

ra no verdôr da mocidade, um d'esses actos de desespero de que mui poucos se saem com a hombridade requerida. Demais, Alvaro tinha um genio acanhadissimo, resultado da educação que recebêra e que a convivencia dos companheiros de estudos não podera dissipar até aquella epocha. Limitava-se a esperar que sua sorte mudasse.

(Continúa)

GUIDO DUARTE,

O positivo e o ideal

(Versão)

DIARIO D'UM ARTISTA

(Continuação do n. 2)

Arechavaleta, 22 de Julho

Hoje amanheceu chovendo e tive de ficar no estabelecimento: melhor, assim descansarei e verei meus companheiros de casa, a nenhum dos quaes conheço. A' hora do chocolate encontrei muitos delles na sala de jantar, e excitaram-me a attenção duas senhoras, māi e filha. A' primeira chamavam marquezza, e á segunda, com a liberdade que reina nestes sitios, Clarita. A māi se faz de muita importancia e é capaz de desconcertar a qualquer com seu aspecto bem teso e entonado: a moça, ao contrario, é amavel, buliçosa, alegre, e disso deu-me prova perguntando-me se era novo no estabelecimento.

—Novo de dia, respondi-lhe, mas antigo de noite.

Não sei se entendeu esse enigma que não me dei ao trabalho de explicar-lhe.

Quando terminei minha chavena de chocolate, como não conhecia nenhuma das pessoas presentes, saúdei a todas e sahi para o jardim a respirar a fresca e humida brisa da manhã; mas a causalidade fez que me detivesse junto das janellas, cujas gelosias cerradas não permittiam ver-me e deixavam-me ouvir quanto n'aquella sala se fallava.

—Quem é este cavalheirinho? perguntou a marqueza.

—E' um pintor que toma vistas dos arredores, disse um tomador de banhos.

—Ah, um pintor! repetiu com accento depreciativo a vaidosa senhora.

Sabes, querido Carlos, que não tenho dado importancia aos pergaminhos nem aos titulos nobiliarios, e que, embora pertencente a uma familia illustre, minhas idéas são quasi democraticas. Mas todo meu orgulho se sublevou ao notar o tom offensivo da marqueza e o sangue affluiu-me ao rosto. Em consequencia resolvi aproveitar a primeira conjectura favoravel para dar-lhe a lição opportuna.

No entretanto continuava a conversação de que eu era objecto.

—Tem bôa figura, disse Clarita.

—E' verdade, acrescentou outro; e dizem tambem que não carece de talento.

—Quem não o tem nesta bemdicta época? interrompeu a marqueza com acrimonia.— Agora até os pintamonos chamam-se artistas.

—Mamãi, interveiu sua filha, quem lhe disse que esse moço não o tenha? A' primeira vista conhece-se que é uma pessoa de fino trato e bem educada, e sua phisionomia é sympathica e intelligente.

Estas palavras foram outras tantas gotas de balsamo para meu lacerado coração.

—Se não fosse bom moço, respondeu a marqueza, não tomarias sua defesa com esse ardor.

Clara devia ter corado ao escutar tão violento apostrophe, porque não replicou sequer palavra; houve depois uma longa pausa, e logo se começou a fallar de outro assumpto differente. Então afastei-me, abrigando pela primeira vez em minha vida projectos de vingança.

Não tardou muito em offerecer--se-me a occasião que anhelava.

A' hora de jantar encontrei meu talher collocado precisamente junto do da marqueza: esta ao ver-me a seu lado fez um gesto involuntario de desgosto, a que correspondi com um olhar altaneiro que obrigou-a a abaixar as vistas. Durante o jantar ambos guardámo absoluto silencio, e sem duvida escarmentada da reprimenda que havia levado antes, não se atreveu Clarita a dirigir-

me a palavra. A' sobremesa, veio a saudar-me um cavalheiro para quem eu tinha feito dous quadros em Madrid.

—Quanto alegro-me ao vel-o por aqui, snr. Sandoval! disse abraçando-me carinhosamente.

Ao ouvir meu appellido, a marqueza voltou a cabeça e olhou-me com mais attenção.

—Então? prosegui o conde do Monte. Proponhe-se a executar aqui alguma de suas obras de merito?

—Senhor conde, respondi com pungente ironia, que ha de fazer um pobre pintamonos como eu, senão feanchão?

A marqueza e Clara tomaram a cõr do pejo e disseram em voz baixa algumas phrases.

—Pintamonos! exclama o conde. Pintamonos um moço que aos vinte e quatro annos obteve o primeiro premio de paisagem, e que é já uma das esperanças mais legitimas da arte de Rafael e Velasques!

—Cavalheiro, interveiu então a marqueza com voz melodiosa, será o senhor por ventura parente do finado embaixador de Napolis, com quem muito tratei alli?

—Senhora, repliquei com a maior impertinencia possivel, não sei se sou ou não parente delle; mas o que posso dizer á senhora é que o chamava pai.

E satisfeita já minha vingança com esta resposta que deixou a marqueza aniquilada, levantei-me, tomei do braço ao conde e o conduzi á outra parte.

Quas horas depois ouvi tocar admiravelmente ao piano, e, atraido por aquella harmonia divina, sahi de meu quarto e entrei pela primeira vez no salão de honra. De muita sciencia se carecia para tirar-se partido do cascalho, do qual com penoso trabalho se arrancavam á noute discordes sons; e, sem embargo, pulsado então por mão habil, parecia inteiramente outra cousa.

(Continúa)

Chronica

Maceió, 30 de Setembro de 1876.

Não tem sido em pura perda de tempo que furtamos algumas horas das consagradas ao descanso, para votal-as á cousa de que se retira algum proveito.

Bem sei que muitos não se encontram que assim pensem, nem é de receiar nesse ponto se desperte, parece-nos, o appetite dos imitadores; por isso, talvez, é que as instituições de reconhecida utilidade, as litterarias sobre tudo, ahi andam a lutar com a indifferença de uns, o desanimo e a má vontade de outros. Mas felizmente a onda do mal não é tão grande e soberbosa que de momento possa envolver aos poucos que ainda se dedicam ao sacerdocio das letras em nossa bôa terra; e a prova disso está de muito no dominio de todos.

E' verdade que a somma de actividade, desenvolvida em bem de nossa humilde associação, não tem sido corôada do resultado desejado; não importa: ao menos não é pela inaccão que aspiramos a honra de tornarmo-nos recommendaveis.

Trabalhar e perseverar são os verbos magicos do seculo actual; a cada canto da terra como que elles irrompem quasi espontaneamente de todos os peitos e acham écho por toda a parte; a não ser o exemplo dos *emperrados*, bôa razão, pois, não temos para entregar-nos hoje á quietação, que bem pôde ser traduzida por fraqueza, ou por cousa talvez peior.

*

* *

E' assim que durante o mez teve o Club Litterario tres sessões, e de véras sentimos que a ellas não concorressem todos os snrs. socios nem affluissem trabalhos de subido merito.

A' parte algumas offertas de diversos exemplares de jornaes da provincia, pelas illustres redacções respectivas, ás quaes temos por dever a confissão sincera de nosso agradecimento, deram largas á discussão as theses apresentadas por nosso consocio Abilio.

Versaram ellas sobre as causas que determinaram o rompimento da guerra do Peloponeso e de Thebas, bem como sobre a especificação das maiores e mais importantes batalhas que então se deram. Acudiram á discussão os consocios Abilio, que, como dissemos, foi proponente da these, e Octaviano Espindola, na qualidade de relator da commissão respectiva.

Leu-se em sessão o parecer a respeito de outras theses firmadas pelo consocio Palmeira, e servem-lhes de objecto a universalidade do diluvio, em presença das letras biblicas, e a origem das tribus americanas.

Ahi fica ás pressas relatado o *quasi nada* que trabalhámos neste mez; podíamos fazel-o de modo mais *rendoso*, é verdade, mas de certo custaria-nos mais trabalho, demandaria-nos recursos de que não dispomos; em todo caso, o laconismo nunca deixou de ter seus amadores, e dispensavel é demonstrar que ao menos não vai n'isso prejuizo á verdade.



Antes de terminar é bem que a pedido de nosso collega de redaccão, Octaviano Espindola, demos lugar a uma rectificação. A pagina 43 da Revista p., quasi no final do 2º paragrapho, se disse que pelo consocio El idio fôra presente em sessão uma these sobre a preferencia dos dous dominios *hespanhol* e portuguez no Brazil; vai o reparo ao termo *hespanhol* que deve lêr-se — hollandez, e assim fica restabelecida a verdade e satisfeito o pedido do collega.



Eis o termo de nossa tarefa; pôde o trabalho não agradar aos exigentes, como estamos certo: vale-nos, porém, a esperança de que mais alguns annos, se continuarmos, poderemos grangear-lhes os applausos! E não é pouco!

M. DE N.

EXTRACTO DO CATALOGO DA LIVRARIA FIRMO

RUA DO COMMERCIO N.^o 45

JOSÈ DE ALENCAR

- Senhora, 2 vol. enc.
Guerra dos Mascates, 2 vol. enc.
Sonhos d'Ouro, 2 vol. enc.
Tronco do Ipê, 2 vol. enc.
A pata da Gazella, 1 vol. enc.
Iracema, 1 vol. enc.
Ao correr da penna, 1 vol. enc.
Til, 4 vol. enc.
O garatuja, 1 vol. enc.

G. DIAS

- Obras posthumas, 6 vol. enc.

GARRET

- Dona Branca, 1 vol. enc.
Viagens na minha terra, 2 v. enc.
A sobrinha da Marqueza, 1 v. enc.
O alfageme de Soutacom, 1 v. enc.
Frei Luiz de Souza, 1 vol. enc.
Philippa de Vilhena, 1 vol. enc.
Catão, 1 vol. enc.
Lyrica, 1 vol. enc.
Arco de Sant'Anna, 2 vol. enc.

TH. BRAGA

- Historia da poesia popular portugueza, 1 vol. enc.
Cancioneiro popular, 1 vol. enc.
Historia da litteratura portugueza, Amadis de Gaula, 1 vol. br.
Floresta de romances, 1 vol. enc.
Flores verdes, 1 vol. enc.
Romanceiro geral, 1 vol. enc.

PASCUAL

- A morte moral, 2 vol. enc

MACEDO

- O forasteiro, 3 vol. enc.

C. C. BRANCO

- Mosaico, 1 vol. enc.
Ao anoitecer da vida, 1 vol. broc.
O regicida, 1 vol. broch.
A filha do regicida, 1 vol. broch.
Annos de prosa, 1 vol. enc.
Scenas contemporaneas, 1 v. enc.
Duas horas de leitura, 1 vol. enc.
Scenas da Fóz, 1 vol. enc.
A filha do arcediago, 1 vol. enc.
A sereia, 1 vol. enc.
Um livro, 1 vol. enc.
Guilherme do Amaral, 1 vol. enc.
Scenas innocentes, 1 vol. enc.
O demonio do ouro, 1 vol. enc.

S. SMILES

- O poder da vontade, 1 vol. enc.

ESCRICH

- As obras de misericordia, 4 v. b.
Casamentos do diabo, 3 vol. enc.
Martyr do Golgotha, 4 vol. broc.

J. DINIZ

- Uma familia ingleza, 1 vol. enc.
Morgadinha dos canaviaes, 1 vol. enc.
Serões da provincia, 1 vol. enc.
As pupillas do snr. reitor, 1 vol. enc.

REBELLO DA SILVA

- Contos e lendas, 1 vol. broch.
Mocidade de D. João V, 3 vol. enc.

C. FIGUEIRÉDO

- Quadros cambiantes, 1 vol. enc.
O poema da miseria, 1 vol. enc.

DICTIONARIO UNIVERSAL

DE

EDUCAÇÃO E ENSINO

Util á mocidade de ambos os sexos, ás mães de familia, aos professores, aos directores e directoras de collegios, aos alumnos que se preparam para exames, contendo o mais essencial da sabedoria humana

Livraria Firmo, rua do commercio n. 45

CAMILLO CASTELLO BRANCO

BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

Noites de Insomnia

Esta publicação mensal, redigida por um dos principaes litteratos portuguezes, como é o snr. Castello Branco, assigna-se e vende-se em numeros avulsos á livraria de João Firmo, rua do commercio n. 45.

RECREIO INFANTIL

Periodico illustrado, dedicado ás creanças brazileiras, e collaborado pelos melhores escriptores portuguezes, publica-se 2 vezes por mez e assigna-se á razão de 4\$800 por anno, pagos adiantados, na livraria de João Firmo à rua do commercio n. 45.

TINTAS DE ESCREVER

VERDE-NEGRA ROXO-NEGRA E AZUL-NEGRA

Preparadas pelo pharmaceutico Claudino Falcão Dias, acham-se á venda na pharmacia do autor à rua do commercio n. 59 e na livraria Firmo.